

Apresentação

As reflexões em torno de questões relativas aos gêneros, tanto no âmbito dos estudos literários, quanto no dos estudos linguísticos, permanecem como um desafio e uma necessidade. Configuram-se como um desafio, na medida em que tais questões têm sido objeto, ao longo do tempo, de variadas e às vezes contraditórias abordagens, oferecendo-se, pois, como um terreno polêmico e controverso. E representam uma necessidade, uma vez que, a despeito de todo o percurso histórico e da variada teia de análises a que já foram submetidas, continuam a provocar indagações e a suscitar dúvidas, constituindo-se como produtivos pontos de partida para a problematização de questões mais amplas, que alimentam e sustentam o pensamento teórico contemporâneo nos dois referidos campos do saber.

Tendo em vista, portanto, a atualidade e a pertinência dessas discussões, o número 28 da Revista Gragoatá tem como principal objetivo constituir-se como um espaço aberto ao debate em torno dos gêneros, com enfoque predominante sobre as noções e os recursos da narratividade, considerada em suas configurações contemporâneas, literárias ou não, o que parece significar entender a narrativa como o um lugar privilegiado das práticas textuais, vale dizer, das variadas manifestações dos gêneros que nela se plasmariam.

Neste sentido, os ensaios aqui apresentados, em sua diversidade, evidenciam a amplitude da discussão, permitem um fecundo diálogo entre múltiplas propostas e convidam os leitores interessados a acompanharem não apenas reflexões de acentuado cunho teórico, como também produtivas análises focadas em determinadas obras literárias ou em material discursivo de origem informativa.

O volume se abre, significativamente, com o ensaio O narrador tirano: notas para uma poética da narrativa, no qual Jacyntho Lins Brandão retoma ideias contidas na República de Platão, que configurariam a diegese como o fundamento de todos os discursos, inaugurando-se, assim, como base de toda a teoria da literatura, uma poética da narrativa. Associando as formulações platônicas ao conceito de liberdade pura pensado por Luciano de Samósata, o autor pretende não apenas “pensar a literatura como uma ampla experiência diegética”, mas retirar daí “algumas consequências válidas para a teorização sobre a literatura em geral”, em particular sobre o poder e a liberdade do narrador, entendido, de forma extensa, como aquele que cria ficções, independentemente da forma escrita em que as expõe.

Desta forma, o texto de Jacyntho Lins Brandão mergulha nas origens das questões sobre gênero e sobre narratividade, convidando-nos a uma revisão histórica do problema, ao mesmo tempo em que aponta para a permanência e para a produtividade do pensamento filosófico clássico nas manifestações literárias da contemporaneidade.

Em *A poesia e a prosa do mundo*, Célia Pedrosa começa por retomar também conceitos históricos sobre as configurações dos gêneros literários, uma vez que seu texto parte das concepções teóricas dos românticos alemães, que consideravam a prosa como a matriz de todas as manifestações poéticas. Estabelece-se, assim, mais uma vez, a tensão que permeia as relações entre narrativa e poesia, num recorte temporal que, do romantismo europeu, chega à atualidade brasileira, com enfoque específico sobre certa produção poética em que se enfatizam o prosaico e o narrativo. Estruturando seu ensaio sobre uma consistente base teórica, a autora orienta, a partir de certo momento, a sua reflexão para a obra poética de Marília Garcia, que parece resumir vários dos aspectos apontados durante a exposição teórica, desde a presença de recursos da narratividade até a configuração serial que marcaria a prática literária do espaço e do tempo focalizados.

Estabelecendo um implícito diálogo com os dois primeiros ensaios, o texto de Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira, *Uma narratividade em mutação: recepção e produção de Causa Amante*, de Maria Gabriela Llansol, trata de uma das mais radicais experiências de escrita contemporânea em língua portuguesa, aqui analisada a partir do material manuscrito ou datilografado que, paralelamente à confecção do livro analisado, a autora ia compondo. Ao pesquisar tal material, Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira, vai daí desentranhando ideias e preocupações estéticas e existenciais da escritora portuguesa, cuja obra parece constantemente desafiar os pressupostos tradicionais sobre gêneros e, particularmente, sobre a narrativa. Criando um código próprio para sua produção, Llansol rasura os limites entre poesia, prosa ou drama, instituindo como sua preocupação fundamental aquilo que irá denominar como textualidade, espaço de escrita onde o previsível é abolido e onde o inesperado e o mutante – no nível da forma ou da temática – são elementos fundamentais da construção. Referindo-se inicialmente à recepção da obra pela crítica especializada, a autora do artigo passa em seguida a evidenciar elementos do processo de criação do romance *Causa Amante*, ao cruzar o conteúdo dessa espécie de diários que eram os Cadernos da escritora com o universo ficcional que ia sendo, ao mesmo tempo, construído. Desta leitura resulta, sobretudo, a percepção do trabalho metalinguístico de Llansol, em sua lúcida elaboração de uma narratividade singular, à qual, evidentemente, se associa uma particular visão do mundo.

No artigo seguinte, *Ne-uter* ou uma questão de gênero: do neutro na língua à instabilização dos gêneros literários, Márcia de Oliveira Reis Brandão demonstra, desde o título, a evidente preocupação com a questão teórica em pauta, mantendo possível o diálogo com os textos anteriores. Tomando como ponto de partida a categoria de neutro desenvolvida por Roland Barthes, a autora discute a existência e a pertinência de uma escrita “sem marcas pré-determinadas”, portanto, sem vinculações exclusivas a modelos fixos e dogmáticos de gêneros e, sobretudo, livre do artificialismo de uma proposta mimeticamente realista. Após explicitar algumas das ideias de Barthes relacionadas à percepção de uma escrita desviante, ambígua e necessariamente metalinguística para que a ilusão de realidade seja quebrada, Márcia Brandão concretiza as reflexões teóricas expostas na análise do romance *Budapeste*, de Chico Buarque de Holanda, narrativa que, sobretudo por seu cunho acentuadamente metalinguístico, parece, com propriedade, sustentar a viabilidade de uma escrita neutra, desfocando pressupostos anteriores que atribuíam ao gênero romanesco a pretensão de afirmar verdades.

É justamente a metalinguagem que constitui o objeto de análise de Gustavo Bernardo, em *O gênero duplicado*. Afirmando a sua antiguidade, já que se revela presente em todos os gêneros e em todas as épocas, Gustavo Bernardo discute o estatuto deste fenômeno estético que, ao questionar a identidade da própria ficção, coloca também em dúvida a identidade do sujeito e a da própria realidade, possibilitando aos leitores uma postura ativa diante do texto e de seu caráter duplicador. Sintetizando vários “esquemas metaficcionais” e recorrendo a duas litografias do holandês M.C. Escher como forma de ampliar suas reflexões com o recurso da visualidade, o ensaísta se detém ainda na análise de dois contos contemporâneos – um do argentino Julio Cortázar, outro do moçambicano Mia Couto –, que, através de diferenciados recursos, revelam o poder positivamente desarticulador da metalinguagem, de modo particular, a sua capacidade de questionamento de verdades consideradas definitivas.

Em *Dom Casmurro* e a ironia da formação, de Marcelo Brandão Mattos, encontramos, novamente, a reflexão crítica sobre questionamentos de verdades, dessa vez, sob o viés polifônico e irônico do romance machadiano. Com base nos conceitos bakhtinianos, o articulista propõe a leitura de *Dom Casmurro* como um romance de formação, no qual a marca inovadora do autor introduz contrapontos irônicos à voz narrativa pretensamente autobiográfica, convocando o leitor atento para a percepção de possíveis versões que se ocultam sob a aparência de verdade ou certeza única. O ensaio confirma a originalidade e a atualidade da escrita machadiana, bem como a complexidade do narrador desse romance singular que se constitui, permanentemente, como espécie de modelo de texto que rasura a rigidez de

determinadas concepções do gênero, exibindo a força criativa da construção narrativa.

Anselmo Peres Alós, em *Narrativização e subversão sexual: considerações em torno de Puig, Abreu e Bayly*, concentra sua análise sobre a narrativa latino-americana contemporânea e trabalha com o duplo conceito de gênero, evidenciando de que maneira os romances problematizam a ideia de gênero enquanto representação simbólica e cultural das identidades masculinas e femininas. Tendo como sustentação teórica os pressupostos feministas, os estudos narratológicos e a teoria queer, o artigo destaca o caráter político da ficção do argentino Manuel Puig, do brasileiro Caio Fernando Abreu e do peruano Jaime Bayly que, nos textos analisados, questionam “os regimes heteronormativos do sexo e do gênero” e, distantes de posições unilaterais e dogmáticas, propõem formas de resistência aos dispositivos de regulação das identidades sexuais. Dessa maneira, na visão do ensaísta, a literatura – através de suas estratégias textuais, de modo particular, nos casos analisados, por meio da complexa elaboração dos narradores – revela seu potencial de subversão e acena com a possibilidade de reconfiguração, tanto do corpo sexual, como do corpo social que, secularmente, impõe modelos de comportamento.

Coincidentemente, o artigo de Ângela Dias, *Ficções do excesso e do sacrifício: Roberto Bolaño, Marcelo Mirisola e William Burroughs*, também estabelece uma comparação entre romances de três autores contemporâneos, um chileno, um brasileiro e um americano, analisando suas escritas como manifestações significativas de tendências estéticas atuais, nas quais se revela o papel do sacrifício como marca emblemática, daí derivando uma possível relação entre melancolia e trauma. Recorrendo a um amplo leque teórico, a autora fundamenta sua análise sobre o sacrifício no pensamento de Bataille e destaca o caráter alegórico e a perspectiva da abjeção na construção das narrativas analisadas, diferentes e próximos exemplares dos caminhos do gênero nas sociedades contemporâneas, tanto no que diz respeito à complexidade e à diversidade das técnicas empregadas, quanto no que se refere à reinvenção escrita da violência e do vazio existencial.

Concentrando seu olhar sobre outra época e outro tipo de narrativa, Maria Elisabeth Chaves de Mello, em *O relato de viagem – narradores entre a memória, o fictício e o imaginário*, contribui para um aprofundamento da reflexão sobre as representações do Brasil na ótica dos europeus, focalizando, em narrativas feitas a partir do Renascimento por viajantes franceses, suas perspectivas sobre a natureza, o povo e o cotidiano do Brasil – um mundo novo que deveria ser preservado, mas, simultaneamente, um mundo primitivo que precisaria ser civilizado. Os testemunhos configurados nesses textos, datados sobretudo

do final do século XVIII e do início do XIX, são instigantes não só para o estudo das relações França / Brasil mas também para a observação dos reflexos das narrativas de viagem na formação da nossa literatura e nas representações do Brasil pelos brasileiros.

Considerando as complexas redes sociais em que, na atualidade, dialogam gêneros diversificados, Desirée Motta-Roth, no artigo Sistemas de gêneros e recontextualização da ciência na mídia eletrônica, aborda o processo de popularização da ciência, enfocando a transposição da informação científica de publicações especializadas para a mídia eletrônica. Articulando as concepções sociorretórica e sistêmico funcional de gênero discursivo com a perspectiva sócio-histórica e concebendo gênero como evento discursivo recorrente em esferas de atividade humana, a autora discute as relações dialógicas entre gêneros que fazem parte do sistema que produz, veicula e mantém a ciência, destacando que o artigo científico e a notícia de internet que populariza seu conteúdo, embora tenham distintos modos de realização, estão inter-relacionados em uma complexa rede que permite a interação de sujeitos situados em diferentes lugares de um grupo social.

Levando em conta o dialogismo da linguagem e pressupostos da abordagem ergológica, Lima e Di Fanti, no artigo Tensionamento de vozes na primeira página do jornal: o episódio Aracruz na capa de Zero Hora, focalizam o discurso da capa desse periódico na cobertura de um evento de ampla divulgação na mídia nacional. Analisando os efeitos de sentido produzidos pela associação dos planos verbal e visual na configuração do texto, as autoras discutem, entre outros aspectos, a questão da fragilidade das normas dos manuais de redação, que recomendam neutralidade e ausência de avaliação do jornalista, e concluem que a estabilidade do gênero é relativa, dando margem a diferentes possibilidades de concretização e implicando postura crítica dos leitores.

Como se pode constatar, os artigos que compõem este número da Gragoatá, por suas qualidades e pela diversidade de caminhos para que apontam, criam oportunidades para o alargamento das discussões sobre os temas tratados, cumprindo amplamente com os objetivos da revista, de fazer circular o pensamento, de promover o debate, de provocar novas reflexões, desenhando o espaço acadêmico como o espaço por excelência do diálogo e da crítica.

Dalva Calvão
Norimar Júdice